

EDITORIAL

Carolina Russo Simon
Seção Local Presidente Prudente - SP

André dos Santos Baldráia Souza
Seção Local Porto Alegre - RS

Eduardo Karol
Seção Local Niterói-RJ

Lorena Izá Pereira
Seção Local Presidente Prudente - SP

Contato: terralivreagb@gmail.com

Resumo:

Expressa a opinião da Coordenação de publicações sobre a conjuntura no momento da publicação do número da Terra Livre.

Palavras-chave: Publicação, Periódico, Terra Livre.

Terra Livre	São Paulo	Ano 40, v.1, n.64, jan-jun 2025	ISSN: 2674-8355
-------------	-----------	---------------------------------	-----------------



Este trabalho está licenciado com <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), por meio de sua Coordenação de Publicações, apresenta ao público mais um número da *Revista Terra Livre*. Chegamos ao ano de 2025 (**ano 40, volume 1, n.º 64**) com a edição referente ao primeiro semestre, reafirmando a Geografia como ciência crítica, militante e absolutamente necessária para os tempos que atravessamos.

A edição nasce sob a marca de uma dupla dimensão: *memória* e *luta*. A capa, concebida como homenagem e manifesto, evoca a potência cinematográfica de Silvio Tendler — cineasta que transformou a câmera em trincheira de denúncia e resistência. Tendler, falecido em 5 de setembro, nos lega uma verdadeira *cinegeografia*, indispensável para compreender e disputar os rumos do país. A decisão editorial de dedicar-lhe a capa é, portanto, mais que um gesto de memória: é ato político. Cada obra que projetou permanece como ferramenta pedagógica e militante, pulsando em salas de aula, movimentos sociais e lutas populares. Ao homenagear Tendler a AGB reafirma que a Geografia Crítica se constrói em diálogo com a arte, a história e o cinema, forjando alianças intelectuais e estéticas na defesa da soberania, da justiça e da dignidade. Sua ausência física é irreparável, mas sua presença crítica e criadora segue como farol para todas as classes que não desistem de lutar por outro Brasil possível.

É nesse horizonte que abrimos a edição com a entrevista exclusiva *“Encontro com Silvio Tendler: Geografia, Cinema e Vida”*. Nela, o cineasta, professor e historiador articula memórias e compromissos, oferecendo, ao mesmo tempo, a densidade da reflexão e a chama da esperança.

A edição apresenta dezenove artigos, uma entrevista, uma resenha, duas traduções e um diálogo. Um conjunto robusto, diverso

e pulsante, que confirma a vitalidade da Geografia e sua disposição para enfrentar os dilemas contemporâneos.

A seção de **Artigos** inicia com debates fundamentais sobre a Questão Indígena. Começamos com a apresentação de um estudo sobre a questão indígena anglófona, para a seguir informar como a juventude indígena de Rondônia luta pela permanência em seus territórios com o uso de geotecnologias; segue com o artigo onde o conflito entre a retomada *Xokleng Konglui* e a Floresta Nacional de São Francisco de Paula (RS), revela o entrelaçamento entre colonialidade e conservação ambiental; e ainda a reflexão sobre a importância dos territórios tradicionais no enfrentamento à crise ecológica.

As questões de gênero e racialidade atravessam a edição em múltiplas frentes: a territorialidade da pesca feminina na Amazônia é evidenciada; bem como o papel estratégico das mulheres na mudança climática; uma escrita corpo-territorializada como exercício de permanência denuncia o racismo institucional; e as análises sobre ajustes prisionais a partir da perspectiva da geografia da abolição nos apresentam as prisões, não como resposta ao crime, mas como um projeto político-econômico do capitalismo racista.

Ainda na temática antirracista, um dos textos trabalha na interface entre cultura, juventude e cidade. Um dos artigos investiga o movimento Hip Hop e a batalha cultural em Catalão (GO), situando-a como disputa pelo direito à cidade. A dimensão educacional aparece em três contribuições centrais: reflexões sobre a Lei n. 10.639/2003 e os desafios para a educação infantil antirracista; os impactos do “novo” ensino médio na Geografia escolar; e a denúncia da contrarreforma do ensino médio como ofensiva gerencial contra o trabalho docente.

A Amazônia assume papel estratégico neste número: a gestão territorial diante da expansão hidrelétrica e os processos de homogeneização e “desamazonização” associados à metropolização constituem temas de pesquisas que ressaltam a complexidade regional e oferecem contribuições relevantes, especialmente em um contexto marcado pela centralidade da Amazônia em virtude da 30ª Conferência das Partes (COP 30), amplamente divulgada como a COP da Amazônia.

O debate sobre o ambientalismo é aprofundado por artigos que analisam o enfrentamento ao modelo agroalimentar e ambiental hegemônico a partir de diferentes perspectivas: as reconfigurações do oligopólio da soja entre Brasil, China e Estados Unidos; o licenciamento de agrotóxicos no Brasil entre 2019 e 2022; as reflexões críticas sobre futuros alimentares a partir das fazendas verticais; e a discussão acerca dos parques lineares em São Paulo como expressão da continuidade entre higienismo e ambientalismo. Conjuntamente, essas pesquisas evidenciam a atualidade, a relevância do campo de investigação e a multidimensionalidade e multiescalaridade do território. A crítica ao capital financeiro está explícita em um estudo sobre a precarização do trabalho e o endividamento. Encerrando o bloco, um texto revisita a recepção da obra de Piotr Kropotkin, contribuindo para pensar uma geografia anarquista.

Este número inaugura a seção **“Diálogos”**, com o texto *“É tudo uma questão de tempo: conversas sobre espaço, experiência e formação em geografia”*. Uma troca que rompe com a forma acadêmica tradicional, trazendo o raciocínio geográfico em sua dimensão relacional, afetiva e insurgente. A segunda novidade são as **Traduções**, que abrem a revista para o diálogo com outras obras.

Uma delas traz um clássico de Élisée Reclus sobre forças subterrâneas, vulcões e terremotos, reafirmando a atualidade do pensamento geográfico radical. Outra apresenta uma reflexão sobre a afrocentricidade como perspectiva transformadora da geografia humana, deslocando e descolonizando a epistemologia dominante.

Este número é publicado em um contexto no qual a Coordenação de Publicações da Diretoria Executiva Nacional da AGB, em articulação com as Seções Locais de São Paulo e Dourados, conforma um grupo de trabalho dedicado ao debate sobre a publicação científica na Geografia brasileira. Essa iniciativa ganha centralidade diante do anúncio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) acerca das mudanças no sistema de avaliação dos periódicos científicos para o ciclo 2025-2028, que propõem a avaliação direta dos artigos, em substituição à avaliação das revistas como um todo, além de indicar a possível descontinuidade do Qualis CAPES. Nesse cenário, a AGB se destaca ao liderar um movimento fundamental por meio da publicação do Manifesto da Geografia pela Ética na Publicação Científica, reafirmando a necessidade de uma ciência eticamente comprometida com a sociedade.

A *Revista Terra Livre* reafirma seu papel histórico: ser trincheira de resistência, espaço de vozes diversas e campo de enfrentamento às múltiplas formas de injustiça. Os textos que compõem esta edição não se limitam a análises acadêmicas — são gestos de insurgência, ferramentas de luta e sementes para imaginar e construir outros mundos possíveis.

Enfrentamos um período histórico em que a democracia brasileira permanece sob permanente cerco, a soberania nacional é alvo de pressões externas e os direitos sociais são atacados por

projetos regressivos. O julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, da conspiração golpista que buscou instaurar o crime de golpe de Estado e suprimir o Estado Democrático de Direito, inaugura um momento inédito: pela primeira vez, um ex-presidente da República é julgado por atentar contra a ordem democrática instituída pela Constituição de 1988. Esse acontecimento, ainda que simbólico, não esgota as tarefas do presente. A história exige mais que marcos: exige consciência crítica, organização popular e ação coletiva.

É nesse horizonte de enfrentamento e de construção de alternativas que a AGB se afirma. Defendemos a Geografia como prática intelectual e política capaz de intervir no tempo histórico, orientando a luta por um futuro democrático, radicalmente comprometido com a justiça social. Reiteramos nossa convicção de que a Geografia militante e transformadora é trincheira na defesa do povo brasileiro. Por isso, na 150ª Reunião de Gestão Coletiva, realizada nos dias 29 e 30 de agosto de 2025, em Vitória/ES, consolidamos a escolha do tema do XXI Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos – ENG, que ocorrerá em Salvador/BA, em 2026: **“Geografia, democracia e lutas sociais: outro Brasil é possível!”**.

Por fim, conclamamos as pessoas associadas a divulgar, ler e debater o conhecimento divulgado na presente edição à comunidade geográfica.